

LUIZ ALBERTO MENDES

Confissões de um homem livre



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2015 by Luiz Alberto Mendes

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Mateus Valadares

Preparação

Officina de Criação

Revisão

Marina Nogueira

Thaís Totino Richter

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mendes, Luiz Alberto.

Confissões de um homem livre / Luiz Alberto Mendes. —
1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ISBN 978-85-359-2659-0

1. Ex-presidiários – Brasil – Autobiografia 2. Memórias autobiográficas 3. Mendes, Luiz Alberto 4. Prisioneiros – Brasil – Autobiografia I. Título.

15-09033

CDD-365.6920981

Índice para catálogo sistemático:

1. Brasil : Presidiários: Autobiografia

365.6920981

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

1.

O ônibus finalmente partiu. Encostei a cabeça na poltrona, fechei os olhos e experimentei a quase esquecida sensação da liberdade. Deixei para trás meu uniforme de presidiário. Com ele ficara o mundo da prisão. Agora era só alegria, meus companheiros. Fora da cadeia, havia algo me esperando além da liberdade: meu passado. Sacolejando no carro do futuro, me entreguei à suave ditadura da memória.

Do lado de fora, chuva fina. Aqui dentro, na minha mente, ressurgia a cena tantas vezes lembrada e revivida. Magda, sentada no meu colo, na cozinha da sua casa, disse: Preciso conversar com você. Estava muito séria. Séria e bonita.

Você não vai sair tão cedo da prisão, ela começou. Era verdade: eu estava em regime semiaberto, mas continuava preso. Só seria realmente libertado em seis anos. A prisão ficava na cidade de Tremembé, em São Paulo. Argumentei que estava tentando ser transferido para Franco da Rocha. Se conseguisse, poderia até trabalhar na capital. Mas ela respondeu que não acreditava mais em mim.

Percebi que aquilo não era uma conversa. Era apenas um comunicado. Ela disse o que eu temia: a gente não pode continuar junto. Escutei e fiquei em silêncio por algum tempo. Magda era o ser que eu mais amava no mundo. E eu a estava perdendo: aquele tal de Chico com certeza a reconquistara. Era concorrência desleal — enquanto eu estava na prisão, ele tinha todo o tempo do mundo para ficar com ela. Os segundos se estenderam, dolorosamente lentos, mas meus pensamentos se sucediam com uma rapidez incontrolável. A noite aumentava as sombras no rosto dela; olhei-a e tentei não pensar em nada. Precisava aproveitar o tempo que me restava. Era sexta-feira e dali a quatro dias eu teria que voltar à prisão. Sugeri: vamos passar esses quatro dias nos divertindo. Segunda-feira a gente se separa. Nem bem acabei de falar e me espantei comigo mesmo. Naquele momento crucial, eu só pensava — miseravelmente — em abatê-la na cama. Talvez não a amasse de verdade e apenas quisesse tê-la mais uma vez. Para meu novo espanto, Magda aceitou a proposta: a seriedade sumiu de seu rosto e deu lugar ao alívio. Ela me paralisou com um sorriso, começou a se esfregar em mim e virou a boca para o beijo, com pressa, assanhada. Depois do que eu tinha dito, ela me provocava daquele jeito — louca! Deu vontade de jogar Magda no chão e pisar em cima dela, como a uma cobra. Mas o sexo excitado comandava. De repente ela saltou do meu colo e foi lavar louça.

Magda rebolava na frente da pia e eu a observava, imóvel: excitação, raiva, um gosto amargo na boca. Mas eu estava decidido. Não deixaria que ela percebesse o quanto me perturbava. Sorri falso. Depois fomos para a cama. No início ela se abriu — depois se fechou, fez que não me queria. Levantei, apanhei minha roupa e saí do quarto com um grito entalado na garganta. Vesti calça e camisa enquanto descia a escada. Na sala, meti os pés no tênis. Antes mesmo de amarrar os cadarços já estava

girando a chave na fechadura. Um sufoco; senti os anos pesando sobre mim como pedras. Mas quando coloquei o pé na rua, Magda me alcançou: me abraçou por trás, grudou em mim, não me deixou ir embora. Sabia que estava fugindo da vida, de tudo aquilo pelo qual eu tanto lutara. Sabia também que me perderia pelas ruas, talvez para sempre. Ela não queria carregar essa culpa. Implorou que eu não fosse. Disse que eu não podia castigá-la daquele modo. Mas era exatamente isso que eu queria. Mesquinho, desejava castigá-la com minha desgraça. Pediu, argumentou e acabei ficando; não conseguia negar nada a ela. Mais tarde coloquei *O poderoso chefão III* no videocassete, fui até a geladeira e apanhei uma travessa enorme de gelatina. Magda foi dormir e eu fiquei sozinho, assistindo ao filme e comendo gelatina até de madrugada. Passeamos e até transamos nos outros dias.

Na segunda-feira, ela me levou até perto de uma estação do metrô. Estávamos em silêncio. Parou o carro no meio do trânsito, sem estacionar. Só me restou abrir a porta, sorrir sem jeito e sair correndo para não ser atropelado. Caminhei com a bolsa a tiracolo, vagando inconsciente. As ruas eram difíceis: nervosas escadas em ruínas atrapalhavam meus passos. No metrô, contei as paradas até a estação Tietê. Como um robô, comprei a passagem, o rosto da Magda pulsando no fundo da memória. Olhei o relógio: restavam duas horas para viver. Precisava beber alguma coisa. Saí da estação e entrei no primeiro bar que encontrei.

Estava lotado de presos bebendo seus últimos minutos de liberdade. Reconheci alguns deles. Comecei pela cerveja. Devagar: não queria me embriagar. No fundo do copo eu procurava um gole de dignidade para respingar no meu coração vazio — mas a dor seguia batendo e a memória, latejando. Como eu podia sofrer tanto por uma mulher, por uma simples pessoa de carne e osso como eu? Tentei odiá-la, tentei ferir aquela imagem que atormentava minhas lembranças e meu corpo. Mas foi inútil; ela era invulnerável, e eu só conseguia ferir a mim mesmo.

Quando o ônibus pegou a via Anchieta, abri os olhos. Como era bom estar solto! Olhei a estrada lá fora. Por mais que tentasse driblá-la, logo senti a pressão da memória voltando. Impossível não lembrar — e o que eu lembrava com mais força era exatamente o que eu queria esquecer.

Depois que Magda rompeu comigo, amarguei meses de solidão redobrada na cadeia. Mas com o tempo ela deixou de ser uma dor no meu corpo e se tornou apenas um fantasma na lembrança — isso graças a uma moça de apelido estranho.

A coisa aconteceu quando trabalhei numa das empresas que empregavam presos: a Amplimatic, fabricante de antenas de televisão. Todos os dias, três ou quatro ônibus saíam de Tremembé, lotados de detentos, e rumavam para a fábrica da Amplimatic em São José dos Campos. Em cada ônibus viajava um guarda de escolta. Na fábrica, os guardas ficavam vigiando enquanto os presos trabalhavam. Mesmo assim, fugir não seria difícil. Os arames que cercavam a fábrica tinham sido projetados para impedir que ladrões entrassem, não para impedir que alguém saísse.

Consegui trabalho no turno das cinco da manhã às duas da tarde; minha tarefa era limpar o mato no pátio da fábrica. Na época eu já estava preso havia 22 anos, desde 1972. Durante essas mais de duas décadas, o quadrilátero do pátio ou do alambrado marcava os limites da minha vida. Eu morava no pavilhão cinco e, por causa da vizinhança, era difícil dormir: os outros presos escutavam música com o rádio num volume alto e eu me revirava na cama. No pátio, havia um campo de futebol grande: ali eu encontrava algum alívio. Além de correr, praticava boxe com meu amigo Natal, um boxeador experiente que me ensinava os truques, mas batia sem dó. Os hematomas valeram a pena. Apanhei até aprender a me defender. Mas nunca consegui vencer o Natal. Ele sempre me acertava em cheio.

Quando consegui o emprego na Amplimatic, fiquei feliz. Ia poder respirar o ar lá de fora, sair um pouco daquele círculo massacrante de grades e alambrados. Além disso, poderia juntar dinheiro para o feriado de fim de ano. A Amplimatic pagava um salário mínimo, mas 20% ficavam com a prisão. As coisas não andavam bem no país; eram os tempos da inflação galopante. Por sorte, eu tinha algum dinheiro guardado: quinhentos dólares, que, apesar da separação, ainda estavam nas mãos de Magda.

A fábrica era enorme. Ali os detentos eram minoria: a maior parte da equipe era formada por mulheres de uma ou outra cidade da região. A alimentação na cadeia obviamente era péssima; sabendo disso, a empresa nos dava todos os dias um café da manhã reforçado. O almoço também era razoável.

No início, meu maior prazer não era a comida, mas as viagens entre a prisão e a fábrica. Às quatro da madrugada eu acordava, me lavava e seguia para a porta de saída, onde ficava esperando a chamada. No silêncio da manhã, eu escutava os grilos, observava o orvalho, e o ar era puro. Então os ônibus chegavam, e eu tentava sempre sentar ao lado de uma janela. Desde criança sempre gostei de olhar a estrada pelo vidro dos veículos. Enquanto viajávamos, eu olhava, olhava, olhava. Fora da prisão, tudo era vida, até os matos escuros e as árvores retorcidas na beira da estrada. Meu banco balançava muito: viajávamos em ônibus velhos, que não passariam nem na mais sumária inspeção veicular. Para evitar a fiscalização, os motoristas faziam caminhos tortuosos, indo e vindo por atalhos obscuros. Quanto mais emaranhado o trajeto, mais tempo eu tinha para observar o espetáculo do mundo passando pela janela.

Nos primeiros dias de trabalho, eu falava pouco. O chão era duro, a enxada era cega e Magda latejava na minha cabeça. A cada golpe, a enxada fazia todo o meu corpo vibrar. O mato era forte e resistia. Às vezes eu me debruçava sobre o cabo da ferra-

menta, o corpo moído de cansaço. Mas não desisti. Os dias foram passando e o mato acabou cedendo aos golpes que caíam sem parar. Eu brandia a enxada com raiva, como um louco, arrancando o matagal pela raiz.

No começo, as garotas da fábrica não me interessavam. Eu nem olhava para elas. Mas com o tempo minha obsessão em derrubar o mato diminuiu e comecei a enxergar com novos olhos as coisas ao meu redor. Na hora do almoço aproveitava para caminhar pelo terreno da fábrica, onde antigamente existia uma fazenda. Alguns traços do passado permaneciam, como as árvores frutíferas e até um lago artificial, cheio de peixes. Após algum tempo fui transferido para outra parte da fábrica, um lugar chamado Buster — um galpão onde as partes eletrônicas das antenas eram montadas. Havia mais de duzentas mulheres ali. No início as moças pareceram meio assustadas por trabalhar com os presos. Mas, com a convivência diária, foram se soltando. Por todos os lados, passei a encontrar um sorriso ou uma palavra amável. A companhia feminina era uma espécie de mágica em mim: como as viagens na madrugada, a simples visão daquelas mulheres reacendia meu ânimo de viver. Mas eu não podia ficar assim, só olhando, sonhando, desejando, sem fazer nada. Devagar, timidamente, desenvolvi táticas para me aproximar. Vesti pele de cordeiro, me fiz de manso. E o efeito não tardou.

Nádia era viúva: dois anos antes, seu marido havia morrido num acidente na estrada. Ela trabalhava ao meu lado no galpão — era a chefe de produção e comandava a mesa. Ela me instruiu sobre os mistérios da montagem de antenas e eu aprendi rápido. As garotas que trabalhavam na mesa tinham dificuldades para lidar com aquela confusão de parafusos, mas para mim foi fácil. Eu me sentia bem. Antes de ir para a prisão, nunca tinha trabalhado. Estava preso desde muito jovem. Foi na cadeia que descobri meu gosto e minha habilidade para tarefas manuais.

Buscava sempre fazer o melhor. Jamais fui preguiçoso e me entusiasmo com facilidade.

Meu evidente esforço conquistou a simpatia da Nádia. Pouco a pouco, começamos a conversar. Ela falava muito sobre o finado marido. Dizia que era grosseiro, brutalizado e que às vezes a espancava. Mesmo assim, gostava dele. Depois que morreu deixou Nádia bem de vida. Ela tinha casa própria, carro e dinheiro no banco. Mas não queria deixar o emprego: fazia dezesseis anos que trabalhava ali, o salário era bom, estava acostumada. Não tinha filhos e odiava ficar em casa sozinha. Precisava se ocupar de algum jeito; assim, seguia trabalhando. Aos poucos, Nádia foi abrindo espaço para assuntos mais íntimos: me falou da falta que sentia do marido na cama, nas noites de frio. Enquanto ela descrevia o corpo do marido, eu sentia que entrava em sua mente. Fui notando isso pelos olhares perdidos que às vezes trocávamos nos passeios que fazíamos juntos depois do almoço. Mas não passou disso, porque fui deslocado para outro setor. O almoxarifado precisava de alguém para transportar as peças eletrônicas para o Buster e os diretores nem se deram ao trabalho de perguntar se eu queria ir para lá. Um dia simplesmente me avisaram que eu tinha sido transferido. E eu fui. O Ditão, chefe do almoxarifado, me colocou para trabalhar com uma garota chamada Cidinha, dona de olhos enormes, tórax frágil e quadris largos. O pessoal a chamava de Cidinha Sem Calça. No início não entendi o apelido. Fosse como fosse, para fugir à lembrança da Magda, que me corroía a mente, comecei a andar no rastro da Cidinha. Ela, no entanto, se esquivava de mim. Até me dava assunto, mas nenhuma outra abertura, e agia sempre como se quisesse ser apenas minha amiga. Um dia vi o Ditão trepando com a Cidinha no fundo do galpão, onde os componentes eletrônicos ficavam guardados em prateleiras. Aquilo me deixou como um cachorro atrás de cadela no cio. Fechei o cerco

a Cidinha: durante o trabalho, fingindo distração, eu passava a mão nela; Cidinha não reclamava, mas continuava fazendo fin-tas, driblando meus avanços. Aquilo estava me deixando louco. Passei a andar sempre atrás dela, me esgueirando. Um dia eu a avistei entrando no mato com outros funcionários — era mais do que eu podia aguentar. Comecei a assediá-la sem pudores nem rodeios. Mas ela me cortava, aguda e gelada como uma navalha. Todos diziam que com preso ela não transava.

Certo dia eu a vi entrando sozinha no quarto dos componentes eletrônicos. O instinto me fez levantar da cadeira e ir atrás dela. Ao notar minha aproximação, Cidinha se afastou pelo corredor de prateleiras e entrou no banheiro. Fiquei esperando perto da porta até ela sair. No início achei que fosse voltar à mesa de trabalho. Em vez disso, ela se meteu de novo entre as prateleiras. Senti que aquele era um sinal de consentimento.

Fui atrás. Encontrei-a agachada junto a uma prateleira. Comecei a apalpar Cidinha, e dessa vez ela não fugiu. Logo descobri que estava sem calcinha. E sem vergonha nem embaraço: me controlava como o mandril de um torno. Toda a minha ansiedade desceu pelo corpo e explodiu abaixo da cintura. Nem tive tempo de pensar em camisinha. Eu estava perdido no cheiro dela; Cidinha tinha o mundo que me cabia. Nela quase me esvaí. No fundo do prazer havia um vazio reconfortante que subitamente se enchia de sentido. Fiquei agarrado nela como um cão até que ela foi se soltando, emergiu de mim e se afastou — descendo lentamente a saia. Fiquei sozinho entre as prateleiras por algum tempo. Depois me levantei, ainda meio tonto, em busca de ar. Vi Cidinha saindo do banheiro, ajustando a calcinha por baixo da saia. Então entendi o apelido Cidinha Sem Calça: quando queria transar ela ia ao banheiro e deixava a calcinha lá. Era sua maneira de dizer sim.

O balanço do ônibus me trouxe de volta ao presente, mas um pouco do cheiro da Cidinha ainda estava comigo. Comecei a pensar no meu futuro próximo. Eu estava indo para um lugar que não conhecia: Embu das Artes, onde minha mãe morava agora. E não fazia a menor ideia de como chegar à casa dela. Por isso, no ônibus, eu torcia para que o Carlinhos estivesse me esperando.

Conheci o Carlinhos na prisão. Ele morava na cama-beli-che em cima da minha. Rapidamente ficamos amigos. Descobri que, por coincidência, ele morava em Embu das Artes. Aliás, era nascido e criado na região. Minha mãe havia me dado algumas indicações do endereço dela; repeti tudo ao Carlinhos e ele disse que, sim, sabia exatamente onde ela morava. A pena do Carlinhos venceu duas semanas antes da minha saída. Ele prometeu que me esperaria na estação rodoviária Tietê quando eu fosse para Embu. Estaria ferrado se ele não aparecesse. O que faria? Ia telefonar para a Magda? De jeito nenhum. A moça sem calcinha tinha apagado a Magda temporariamente da minha cabeça. Mas o Carlinhos estaria lá, eu tinha certeza. Era um amigo confiável e não ia esquecer de mim.

O ônibus tinha naufragado no trânsito de São Paulo. O cheiro de gasolina queimada enchia minhas narinas, me empolgava, me acordava — sim, até aquilo era cheiro de vida. Era bom. Quem sabe agora tudo fosse mesmo alegria.